



A presença universal do Espírito de Deus e a Criação: elementos para o diálogo inter-religioso na teologia pentecostal

*The universal presence of the Spirit of God and the Creation:
Elements for inter-religious dialogue in Pentecostal Theology*

Adriano Lima*

Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Curitiba, PR, Brasil

Resumo

A presença universal do Espírito de Deus em cada ser vivente, tal como apresentada no texto, constitui um convite fundamental ao ser humano, para que este se comprometa com o cuidado ao mundo, obra-prima do Deus Espírito. Os dois elementos ora apresentados, a saber, a presença universal do Espírito de Deus e o cuidado com a criação, são elementos constitutivos da pneumatologia pentecostal e que, portanto, podem ser fundamentos para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro. Com o objetivo de apresentar a presença universal do Espírito de Deus e o cuidado com o meio ambiente como fundamentos para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro, o texto busca referências bibliográficas em teólogos pentecostais, como David Mesquiati,

*AL: Doutor em Teologia, e-mail: adriano.lima.66@hotmail.com

reformados, como Jürgen Moltmann, e católicos, como Yves Congar e Leonardo Boff. O autor conclui que a presença do Espírito está em todo ser que vive e essa é a uma razão interna de a fé pentecostal se comprometer com o diálogo inter-religioso.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Pneumatologia. Diálogo inter-religioso. Criação.

Abstract

The universal presence of the Spirit of God in every living being, such as this text presents, constitutes a fundamental invitation for the human being to commit with the care for the world – the masterpiece of God as Spirit. The two presented elements – universal presence of the Spirit of God and the care for the Creation – are constitutive of a Pentecostal Pneumatology and, as well, may ground inter-religious dialogue in Brazilian Pentecostalism. These topics are drawn and develop from Pentecostal theologians such as David Mesquiati, Reformed ones, like Jürgen Moltmann, and Catholics as Yves Congar and Leonardo Boff. The author concludes that the presence of the Spirit is real in every living being, and this understanding acts like an internal basis for Pentecostal faith to commit with Inter-religious dialogue.

Keywords: Pentecostalism. Pneumatology. Inter-Religious dialogue. Creation.

Introdução

O tema da presença universal do Espírito de Deus é desenvolvido com clareza no versículo 7 do capítulo 1 do livro da Sabedoria. Contudo, pelo fato de esta pesquisa estar no horizonte pentecostal, a análise aqui desenvolvida ocorre a partir de outros fundamentos bíblicos, que igualmente demonstram antecedentes dessa presença universal, considerando que o sopro de Deus não estava restrito ao homem (cf. Gn 2,7), mas se estendia a todo ser vivente (cf. Jó 34,14-15). O Salmo 104,29-30 também faz referência ao Espírito como princípio criativo da presença de Deus. Considerando o sopro de Deus como sopro criador, o Espírito de Deus está agindo em toda

parte (CONGAR, 2010, p. 288). Os pentecostais estão em pleno acordo com Yves Congar, na medida em que percebem perfeitamente o sopro de Deus em cada ser vivente. E mais: esse sopro é criador. Portanto, o Espírito de Deus, além da sua presença universal, é ainda criador. É o Espírito que proporciona vida. Por isso, é o Espírito da vida. E o Espírito criador exige um compromisso de cada cristão com a sua criação.

Neste artigo serão apresentados de forma mais específica dois aspectos fundamentais que podem contribuir de forma significativa para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro. Existe a princípio uma relação estabelecida entre os dois aspectos que, por um lado, enfatiza a universalidade do Espírito de Deus, que está presente em toda criatura. A presença universal do Espírito de Deus em cada ser vivente é um pressuposto para que cada cristão se comprometa ao cuidado com o planeta. Esse é o segundo aspecto a ser explorado nesse texto para que o diálogo inter-religioso seja positivo e propositivo no pentecostalismo brasileiro.

A presença universal do Espírito de Deus

O teólogo pentecostal David Mesquiati de Oliveira, em seu livro *Diálogo e Missão nos Andes* dedica um capítulo (6) para tratar da “atuação universal do Espírito Santo” (OLIVEIRA, 2016, p. 137). O teólogo capixaba é assertivo ao afirmar que “o significado universal de Cristo e sua mediação única estão necessariamente relacionados com a atuação do Espírito, que não conhece fronteiras” (OLIVEIRA, 2016, p. 141). A presença universal do Espírito de Cristo é algo constatável desde os primeiros momentos da criação e o Espírito, na sua atuação, não conhece fronteiras. Nesse sentido, pessoas de outras religiões podem experimentar de forma autêntica a ação do Espírito Santo. Nas palavras do supracitado teólogo assembleiano, é possível considerar

que práticas de outras religiões podem conter autêntica ação do Espírito Santo. Isso é verdadeiro, dado que só assim pôde ser ela expressa naquele contexto cultural e religioso. Não é propriamente o ato concreto (cultural, ético etc.) que se constitui em ação do Espírito, mas o que motiva o homem a realizá-lo (OLIVEIRA, 2016, p. 150).

E ainda arremata:

A ação universal do Espírito se derrama sobre todo o mundo. Pode ser comparado às águas que fluem continuamente, como em Eclesiastes 1.7: “Todos os rios correm para o mar e, contudo, o mar nunca se enche: embora chegando ao fim do seu percurso, os rios continuam a correr”; ou com o vento, em João 3.8: “O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito”; em Atos 2.17, ratifica sua vinda sobre a casa de Israel, e amplia para toda carne: “Sucederá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão”. O Espírito descerá sobre as criaturas, convidando-as para a vida plena em Jesus Cristo (OLIVEIRA, 2016, p. 150-151).

O jesuíta espanhol Victor Codina também destaca os fundamentos bíblicos dessa perspectiva da universalidade do Espírito de Deus. Enquanto o Gênesis fala do Espírito que, nas origens, pairava sobre as águas, “como que a fecundá-las e dar-lhes vida, (Gn 1,2); os livros sapienciais descrevem a presença do Espírito do Senhor, cujo sopro enche o mundo” (CODINA, 2010, p. 215). E mais: “O Espírito, que nos profetas faz alusão à renovação do coração (Ez 36, 26-27), não se limita a esta dimensão interior, mas se orienta à prática do direito e da justiça” (CODINA, 2010, p. 216). Portanto, encontra-se na Escritura o fundamento bíblico para a presença universal do Espírito de Deus.

A ação do Espírito de Deus que opera em toda parte é uma forte convicção dos Pais da igreja. O eminente teólogo francês Yves Congar, citando Irineu de Lyon, lembra que o dom do Espírito “foi enviado para toda a terra”. E mais: “foi derramado nos últimos tempos sobre todo gênero humano”; e ainda: “que ele desceu sobre o Filho de Deus feito Filho do Homem; assim, com ele, afeiçoou-se a habitar no gênero humano, a repousar sobre os homens, a residir na obra modelada por Deus” (CONGAR, 2010, p. 288-289). Essa convicção dos Pais da Igreja era, de certa forma, consensual. Codina lembra que o Espírito guia secretamente a obra de Deus no mundo. Por essa razão, afirma o jesuíta, “Irineu compara o Espírito a um diretor de teatro que dirige secretamente o drama da salvação sobre o cenário da história do mundo” (CODINA,

2010, p. 217). A presença do Espírito Santo estava em toda parte. Assim, o Espírito de Deus nunca esteve confinado em um determinado espaço, em uma determinada localidade, sob o domínio de um determinado grupo. Com essa convicção, os primeiros teólogos afirmavam a presença universal do Espírito de Deus em toda parte.

Essa visão bíblica da universalidade do Espírito foi recolhida também pelos teólogos da escolástica. Entre aqueles teólogos era perceptível a ideia de que o Espírito Santo é o princípio de todo o conhecimento verdadeiro. É Yves Congar quem destaca a máxima do Ambrosiáster (que era atribuída a Ambrósio): “*Omne verum, a quocumque dicatur, a Spiritu Sancto est*” (Toda verdade, seja ela dita por quem for, provém do Espírito Santo)” (CONGAR, 2010, p. 289). Essa convicção, de que todo conhecimento verdadeiro procede do Espírito, é dado crucial e fundamental para a fé cristã. Congar lembra que Tomás de Aquino chegou a citar o princípio pseudo-ambrosiano sem nenhuma justificativa. Contudo, o Doutor da Igreja fazia a distinção “entre a luz natural, que procede de Deus, e a que vem dos dons da graça, ou entre simples moções atuais do Espírito Santo movente, *sed non habito* e luzes dadas à fé viva”. Congar ainda cita Alberto Magno, “que admitia uma noção mais ampla de graça. Perguntando se toda verdade objeto de saber é inspirada pelo Espírito Santo, ele responde: sim, chama-se graça todo dom concedido gratuitamente por Deus. É o caso da própria existência” (CONGAR, 2010, p. 289). Conforme é possível perceber, os grandes teólogos medievais destacaram essa presença universal do Espírito de Deus, em permanente consonância com a própria Escritura e com os Pais da igreja. Assim, o Espírito de Deus, além de estar presente no universo, é ainda o princípio de todo conhecimento verdadeiro. Desde a perspectiva ambrosiana, é possível perguntar: sendo o Espírito Santo fonte de toda verdade, independentemente de onde ela venha, é esse mesmo Espírito que inspira essa verdade em outros lugares? Sendo a resposta positiva, o Espírito Santo é ponte para o diálogo entre irmãos e irmãs de diferentes comunidades religiosas.

Essa presença universal do Espírito de Deus, como fundamento para o diálogo, é digna de destaque, inclusive pelo próprio Congar. Ao mencionar o teólogo protestante Langdon Gilkey, que entende a relação dialógica oriunda da presença universal do Espírito de Deus como algo

extremamente positivo, lembrando ainda que esses mesmos princípios se aplicam com aguda urgência ao nosso diálogo com as outras religiões, Congar afirma: “Aí nós estamos à vontade”. E sobre a fala de Gilkey, Congar lembra: “mesmo um homem de Igreja clássico e firme como Manning nos diria isso”¹. Aqui reside um aspecto central e fundamental da presente pesquisa. Como é possível verificar, o autor caminha junto com a Escritura, com os Pais da igreja e com grandes teólogos da escolástica. Com esses grandes pensadores, parafraseando Congar, os pentecostais podem ficar à vontade, aprofundando sua pneumatologia e destacando a universalidade do Espírito Santo como base para o diálogo com outras religiões.

O teólogo brasileiro Leonardo Boff afirma que o universo é o templo do Espírito (BOFF, 2013, p. 187). Enquanto Boff trabalha essa perspectiva, Congar menciona o texto de Irineu, para quem o Espírito é como um diretor de teatro:

Tudo nele (no espiritual) possui uma inquebrantável firmeza: — dirigido pelo único Deus todo poderoso, “de quem tudo procede” (1 Co 8,6), tem a fé integral; — dirigido pelo Filho de Deus, Jesus Cristo nosso Senhor, “por quem procede tudo que existe”, e por suas “economias”, pelas quais ele se fez homem, ele, o Filho de Deus, tem a adesão firme; — dirigido pelo Espírito de Deus, que dá o conhecimento da verdade, que publica as “economias” do Pai e do Filho, segundo cada geração, em vista dos homens, como o Pai quer (CONGAR, 2010, p. 291).

Ao mencionar as palavras de Irineu, o teólogo francês lembra que, “se o Espírito pode revelar as economias do Pai, é porque ele é o Amor e porque coloca nas criaturas o germe de amor e de esperança”. Prossegue Congar, “a ideia de que o Amor move o mundo anima o neoplatonismo. Aristóteles já falava do Primeiro Motor imóvel, mas movendo todas das coisas os *eromenon*, na qualidade de amado” (CONGAR, 2010, p. 292). Com Irineu, Congar e Boff, é possível, de forma categórica, afirmar que o Espírito de Deus conduz a obra

¹ Manning escreve, na Dedicatória de *La mission du Saint-Spíritu*: “Pode-se dizer com toda verdade como santo Irineu: *Ubi Ecclesia, ibi Spíritus...*, mas não seria verdadeiro dizer que o Espírito não está lá onde não está a Igreja. As operações do Espírito Santo nunca cessaram de penetrar em toda a raça humana desde a sua origem, e elas estão atualmente em pleno vigor, mesmo entre aqueles que estão fora da Igreja” (ap. CONGAR, 2010, p. 290).

de Deus no mundo. Consequentemente, deve ser consolador saber que a condução da obra de Deus está sob o controle do Espírito Santo.

No seu excelente texto, Congar destaca que o “Espírito enfeixa, numa doxologia, tudo o que existe para Deus no mundo” (CONGAR, 2010, p. 293). Ao comentar o texto joanino, em que Jesus dialoga com uma mulher samaritana, Congar lembra que somos chamados a ser verdadeiros adoradores. E sentencia: “De fato, Deus tem adoradores em todos os lugares” (CONGAR, 2010, p. 293). Se os profetas anunciaram que os povos deveriam subir a Jerusalém para adorar, em Pentecostes, “Jerusalém como que resplandeceu no mundo inteiro, e somente Deus conhece os seus”. Assim, afirma o teólogo francês, “não somos autorizados a entrar no caminho dos que experimentam e expressam as harmonias secretas da criação e da graça” (CONGAR, 2010, p. 294). Nesse contexto, Congar menciona um poema de Clemente de Alexandria:

Ora, então o Verbo de Deus
Abandonou a lira e a cítara,
Instrumentos sem alma,
Para afinar pelo Espírito Santo
O mundo inteiro condensado no homem;
Serve-se dele
Como de um instrumento de sons múltiplos
E, acompanhado de seu canto,
Desse instrumento que é o homem,
Ele toca para Deus! (CONGAR, 2010, p. 294).

No poema de Clemente de Alexandria, além da beleza e da profundidade, é possível destacar a singela presença universal do Espírito Santo, que, de fato, enfeixa tudo o que existe no mundo para Deus. O Espírito de Deus conduz a história e, de forma criativa e misteriosa, envolve toda a criação na relação com o Deus criador. Esse fato se dá, sobretudo, porque o próprio Espírito é criador e doador da vida. Nessa intrínseca relação, para usar uma imagem de Irineu, sempre estão presentes o Espírito e o Verbo. Nunca é demais repetir que “a missão do Filho e a do Espírito não se contrapõem, mas se complementam, se entretecem, se compenetraram. A mão do Espírito ajuda a compreender melhor a mão do Filho encarnado em Jesus de Nazaré e de sua missão, que continua na Igreja” (CODINA,

2010, p. 223). A respeito desse assunto, Comblin afirma que o “Espírito não cria palavras próprias: a sua palavra é Jesus Cristo. O Espírito não faz outra coisa a não ser pronunciar essa palavra, Jesus Cristo... Pois tudo o que diz o Espírito são aspectos da mesma e única palavra que é Cristo” (COMBLIN, 2009, p. 81). Assim, o Espírito está cada dia dirigindo a história e continuará a conduzi-la até sua consumação escatológica. E, nesse processo, de forma envolvente, todos os seres humanos, todas as culturas e religiões estão de alguma forma envolvidos e envolvidas. Foi o grande teólogo belga, Jacques Dupuis, que afirmou com precisão: “O Espírito de Deus sempre esteve universalmente presente na história humana, e ainda hoje continua agindo fora dos limites do rebanho cristão”. E concluiu: “É ele quem inspira, nas pessoas que pertencem às outras tradições religiosas, a obediência da fé salvífica, e nas mesmas tradições uma palavra dirigida por Deus aos seus seguidores” (DUPUIS, 1999, p. 275). Nesse contexto, cabe à teologia pentecostal ouvir o que o Espírito diz à igreja. O teólogo pentecostal Amos Yong destaca a universalidade do Espírito de Deus:

A presença e ação de Deus na criação fala da universalidade do Espírito Santo. Efetivamente, é importante ressaltar que todas as coisas são criadas pela Palavra e pelo Espírito de Deus. As narrativas da criação retratam claramente como Deus falando o mundo à existência (Gn 1,3ss). No entanto, por vezes esquecido é o fato de que a fala requer fôlego, e é o sopro de Deus que é primeiro dito ter “revoado sobre a face das águas” (Gn 1: 2). Em outros lugares, o Salmista exalta o poder criativo e sustentação de Deus através do Espírito, tanto para os céus- “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o seu exército, pelo sopro [ruach] de sua boca” (Sl 33,6) — e na Terra — “Quando você esconder seu rosto, elas [as criaturas do mundo] estão consternadas; quando você tirar a respiração, morrem, e voltam ao pó. Quando você envia teu Espírito, e são criados; e você renovar a face da terra” (Sl. 104: 29-30). É este mesmo sopro de Deus que também confere vida a certas criaturas formadas de argila, permitindo assim ha adam tornar-se “um ser vivo” (Gn 2: 7; cf. Jó 33: 4). O reconhecimento da onipresença do Espírito decorre desta visão pneumatológica da criação e da providência. Certamente, não há lugar a que se possa ir para escapar do Espírito de Deus:

Onde posso fugir do teu Espírito?
Ou para onde fugirei da tua presença?
Se eu subir aos céus, você está lá (YONG, 2003, p. 36-37)².

O Espírito Santo tem sua presença marcante no universo. Essa é a verdade da Escritura, seguida pelos Pais da igreja, pelos grandes teólogos medievais e ainda pelos teólogos modernos e contemporâneos. Yong lembra que a vida de todas as pessoas, independentemente da religião, é animada pelo Espírito de Deus. Prossegue mencionando as palavras de Paulo no Areópago: “O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, ele que é o Senhor do céu e da terra [...] ele mesmo dá a todos os mortais vida, respiração e todas as coisas” (YONG, 2003, p. 37)³. Portanto, de forma prática, as comunidades pentecostais, no Brasil, especificamente as Assembleias de Deus, podem (e devem) extrair lições fundamentais para sua ação pastoral. Nessas comunidades, a dimensão eclesial do Espírito está presente e bastante desenvolvida. Contudo, com a perspectiva da universalidade do Espírito, é possível aprofundar a pneumatologia pentecostal e compreender o sopro do Espírito para além dos confins da igreja. Essa abertura da pneumatologia pentecostal, na verdade, nada mais é do que um reconhecimento de que a igreja não tem um fim em si mesma, mas se abre ao horizonte do Reino de Deus.

A pneumatologia pentecostal, na medida em que assume essa abertura para o Reino de Deus, assume um compromisso com o próprio

² Tradução nossa: God's presence and activity in creation speaks to the universality of the Holy Spirit. In fact, it is important to emphasize that all things are created by God's Word *and* God's Spirit. The creation narratives clearly portray God as speaking the world into existence (Gen. 1:3ff.). Yet sometimes overlooked is the fact that speech requires breath, and it is the breath of God that is first said to have “swept over the face of the waters” (Gen. 1:2). Elsewhere, the Psalmist extols the creative and sustaining power of God through the Spirit for both the heavens—“By the word of the Lord the heavens were made, and all their host by the breath [*ruach*] of his mouth” (Ps. 33:6)—and the earth—“When you hide your face, they [the creatures of the world] are dismayed; when you take away their breath, they die and return to the dust. When you send forth your Spirit, they are created; and you renew the face of the ground” (Ps. 104:29-30). It is this same breath of God that also bestows *life* to certain creatures formed of clay, thus enabling *ha adam* to become “a living being” (Gen. 2:7; cf. Job 33:4). Recognition of the Spirit's omnipresence follows from this pneumatological vision of creation and providence. Certainly, there is no place one can go to escape the Spirit of God: Where can I go from your Spirit? Or where can I flee from your presence? If I ascend to heaven, you are there.

³ Tradução nossa: The God who made the world and everything in it, he who is Lord of heaven and earth..., he himself gives to *all* mortals *life and breath* and all things.

projeto de Deus, que, nas palavras de Victor Codina, “é configurar uma humanidade que viva em comunhão fraterna entre si, com a natureza e com Deus; é gerar uma koinonia inter-humana, cósmica e trinitária”. E prossegue o teólogo: “O Espírito do Senhor foi enviado e derramado pelo Pai, sobre toda carne (At 2,17) para que se possa realizar este projeto”. E sentencia: “Fechar o Espírito dentro da Igreja é se esquecer do Reino e do projeto do Pai; é truncar seu dinamismo e mutilar sua missão” (CODINA, 2010, p. 213). Assim, fica ainda mais evidente que a presença universal do Espírito Santo está em perfeita harmonia com o projeto de um Deus que ama todo universo, e que, por isso mesmo, tem atuado através do seu Espírito, para estabelecer o seu Reino. A igreja, conseqüentemente, precisará entender a voz do Espírito. E, especificamente nesse particular, Codina chama a atenção para um fato fundamental, lembrando que

É preciso acrescentar que, se a Igreja custa a detectar a voz do Espírito que fala através de seus filhos, muito mais lhe custa aceitar que o Espírito possa falar através da boca de cristãos de outras Igrejas, de crentes de outras religiões, de não crentes e de ateus. Pode o Espírito, por acaso, falar mediante esses “estrangeiros” e “forasteiros” em relação à Igreja? A grande crise atual da Igreja, o inverno eclesial que atravessamos, tem muito a ver com esta incapacidade da Igreja, em seu conjunto, para ouvir o que o Espírito lhe vai dizendo através dos diferentes movimentos e anelos do mundo de hoje, onde, apesar da globalização, vive-se um forte pluralismo cultural e religioso, pelo que é sumamente urgente redescobrir a presença do Espírito na história (CODINA, 2010, p. 214-215).

As palavras do teólogo espanhol refletem uma preocupação com uma eclesiologia que esteja atenta à voz do Espírito, no nosso tempo. Em concordância com Codina, o teólogo das assembleias de Deus americana, Amos Yong, destaca que

A atividade do Espírito através das dimensões de espaço — o Espírito está sendo derramado sobre todas as pessoas — e tempo — “nos últimos dias”, que se estende desde o dia de Pentecostes para a vinda do Reino de Deus

— demanda ser entendido em um sentido universal que transcende (pelo menos os limites institucionais da) a Igreja (YONG, 2003, p. 40)⁴.

No Brasil, o também teólogo das Assembleias de Deus destaca que “os milhões de caminhos que o Espírito pode tomar rompem os limites de uma fé racionalista, litúrgica e institucionalizada” (OLIVEIRA, 2014, p. 55). Assim, a comunidade precisará estar sensível ao Espírito e reconhecer sua ação fora dos limites institucionais. Essa eclesiologia, atenta à voz do Espírito, será, conseqüentemente, uma eclesiologia comprometida com Cristo, portanto, cristocêntrica e, por isso mesmo, dedicada em ser um instrumento do Reino de Deus. Assim, a teologia pentecostal, que tem como principal característica o aspecto pneumatológico como demonstração prática do seu amor pelo Santo Espírito, deverá ser sensível à voz desse Espírito, acolher o seu convite para promover o Reino de Deus e anunciar a Cristo. Dizer sim ao Espírito é compreender sua presença e ação no universo, é entender que o Espírito age fora dos muros da igreja, pois sua voz e sua ação estão presentes em outras comunidades cristãs e em outras religiões⁵.

O Espírito Santo e a Criação: elementos comuns para o diálogo das religiões

A teologia pentecostal, especificamente no Brasil, não desenvolveu uma pneumatologia do cuidado com a criação, do meio ambiente. Nos principais compêndios teológicos pentecostais, embora a pneumatologia seja central, o aspecto da presença do Espírito na criação e, conseqüentemente, esse cuidado com o planeta, não está mencionado, tampouco sistematizado. Assim, a partir da Escritura e de grandes teólogos, a pesquisa aponta, desde a perspectiva pentecostal, uma pneumatologia a respeito da criação e mais: uma pneumatologia da criação como ponto em comum com outras tradições religiosas no diálogo inter-religioso. E já se pode adiantar: na medida em

⁴ Tradução nossa: The Spirit's activity across the dimensions of both space—the Spirit's being poured out upon all people—and time—“in the last days,” stretching from the day of Pentecost to the coming of the Kingdom of God—begs to be understood in a universal sense that transcends (at least the institutional boundaries of) the Church.

⁵ Embora não seja uma posição oficial das igrejas pentecostais brasileiras, essa é uma perspectiva emergente, apontada por teólogos pentecostais como Amos Yong, David Mesquiat e o autor do presente artigo.

que o Espírito de Deus está presente na criação, os cristãos devem ter um sólido compromisso de cuidar do planeta. Assim, independentemente da religião a que se pertence, ou mesmo que não tenha religião, o planeta é a casa de todos e todas. Urge o pentecostalismo desenvolver uma pneumatologia do cuidado com o planeta e envolver-se nessa missão.

A fé cristã afirma o Deus criador. É consensual que o Deus Espírito participou diretamente da criação. Os estudiosos lembram que a concepção mais antiga do termo *ruah* certamente é aquela de cunho físico-cosmológico. Nesse aspecto, a *ruah* é principalmente um instrumento com o qual Iahweh realiza a salvação (SANTANA, 2015, p. 22). Assim, um significado que perpassa esse substantivo tem a ver com sopro. Esse sopro, conseqüentemente, é vital e criativo. O teólogo brasileiro Luiz Fernando Ribeiro Santana, sobre esse assunto, arremata:

Apoiados na revelação bíblica e no testemunho de alguns autores, tentaremos mostrar que o Espírito de Deus, desde a criação, já se apresenta como realidade dinâmica e operante; força capaz de gerar a vida, de operar em tudo o que existe e de manter em vida todos os seres. Por tudo isso, a *ruah* apresenta-se como uma realidade criativa sempre nova e atual. Conforme já assinalado, a noção e as categorias que o termo *ruah* pode sugerir ao longo do Antigo Testamento são inúmeras. Dentro desse grande leque, encontramos a *ruah* cósmica, que, por sua vez, também tem um vasto campo de compreensão, o qual se estrutura, basicamente, sobre a trilogia: sopro do vento, sopro do homem e sopro de Deus. Isso significa dizer que a noção de *ruah* cósmica abrange o conjunto dos elementos que compreendem as esferas cósmico-antropológico-teológicas (SANTANA, 2015, p. 22).

Para Santana, é, sobretudo, na Revelação bíblica que encontramos o respaldo necessário para a fundamentação da presença do Espírito de Deus na criação. Conforme o mesmo teólogo, grandes teólogos seguiram essa mesma perspectiva. Assim, é no relato de Gênesis 1.2, mais especificamente na segunda parte, em que o autor afirma que “o Espírito de Deus pairava sobre as águas”, que reside o texto central sobre a presença do Espírito no mundo, na própria vida e em toda a criação. Seguindo nessa mesma perspectiva, Leonardo Boff destaca:

A tradição judeu cristã atribui ao Pai, mas particularmente ao Espírito do Pai, a criação e a ordenação do universo. Coloca-o no começo (Gn 1,1; 2.7) e no fim (Ap 22,17). Como se diz belamente no livro da Sabedoria, “o Espírito enche o universo” (1,7), e como “Sopro [*Spiritus* em latim] incorruptível está em todas as coisas” (12,1). O Espírito é vida e é *vivificans*, quer dizer, “gerador de vida” como se reza no Credo. Se assim é, então podemos dizer que aquela Energia poderosa e criadora que estava antes do “antes”, a energia de fundo e o Princípio alimentador de todo o Ser era uma manifestação do Espírito Santo (BOFF, 2013, p. 187-188).

O teólogo Boff destaca em especial a presença do Espírito na criação e na ordenação do universo. O mesmo teólogo lembra que, se o Espírito é gerador da vida, então ele sempre esteve presente, não apenas na vida dos seres humanos, mas também na vida “das bactérias, nas plantas, nos animais” (BOFF, 2013, p. 188). Essa presença do Espírito na criação demonstra que o amor de Deus envolve não apenas o ser humano, mas todos os seres vivos, incluindo o meio ambiente. Assim, o cuidado com o meio ambiente é um capítulo indispensável dentro de qualquer pneumatologia que se proponha bíblica.

Os Pais da Igreja seguiram a perspectiva bíblica da presença do Espírito na criação. Santana lembra que, para Atanásio, o Espírito foi o primeiro colaborador do Pai e do Filho. Já Irineu falou das duas mãos do Pai, a saber, o Verbo e o Espírito. Santana lembra ainda que Ambrósio afirma que “o Espírito Santo não somente colabora com o Pai e o Filho na criação do mundo, mas é o agente que, como um artista divino, ordena e cosmifica o mundo, tornando-o atrativo e belo (SANTANA, 2015, p. 27). Como já dito, esse panorama apresentado pelos Pais da Igreja está plenamente fundamentado na Escritura Sagrada.

O teólogo alemão Jürgen Moltmann foi um dos que mais desenvolveu o tema do Espírito e a criação. Na sua obra “O Espírito da vida”, Moltmann inicialmente critica o fato de que, tanto na teologia católica como na evangélica, existe uma tendência de se entender o Espírito unicamente como “Espírito de salvação, cujo lugar é representado pela Igreja e que dá aos homens a certeza da bem-aventurança eterna de suas almas”. Diz mais: “Este Espírito de salvação é distinguido tanto da vida corporal como da vida da natureza. Ele faz com que os homens se afastem deste mundo e esperem por um mundo melhor no além” (MOLTMANN, 2010, p. 20). Essa maneira

de perceber o Espírito acaba produzindo dificuldades em relacionar o Espírito com a vida cotidiana. Aliás, o teólogo alemão denuncia com precisão que a perspectiva supramencionada conduz a comunidade a falar do Espírito Santo “com referência a Deus, a fé, à vida cristã, à Igreja e à oração, mas raramente com referência ao corpo e à natureza” (MOLTMANN, 2010, p. 20). Dessa forma, a teologia acaba por tratar o Espírito apenas como o Espírito da Igreja e da fé, colocando certos limites ao Espírito no que se refere à comunhão com o próprio mundo. Por outro lado, o teólogo alemão alerta aos novos teólogos, apaixonados pelos movimentos carismáticos, que não fujam de suas responsabilidades políticas e ecológicas (MOLTMANN, 2010, p. 20). A visão moltmaniana é certa e precisa. Contudo, de onde vem essa tendência de relacionar o Espírito com a Igreja e a fé, deixando de lado a natureza e a ecologia? Moltmann aponta duas razões:

Uma razão está com certeza na platonização do cristianismo, que ainda perdura. Até hoje ela marca o que nas igrejas e nas comunidades religiosas é chamado de “espiritualidade”, ou seja, uma certa hostilidade ao corpo, um certo afastamento do mundo e uma preferência pelas experiências interiores da alma, em detrimento das experiências sensíveis da comunidade e da natureza. Outra razão, a meu ver, encontra-se nas consequências acarretadas pela adoção do *filioque*, que levou a entender o Espírito Santo só como “Espírito de Cristo” e não como igualmente “Espírito do Pai”. Como Espírito de Cristo ele é o Espírito da salvação. Mas ao Pai é atribuída também a obra da criação, de modo que o Espírito do Pai é também o Espírito da criação. Quando a redenção é colocada em descontinuidade radical com a criação, então o “Espírito de Cristo” não tem mais nada a ver com a *ruah Jahweh*. De acordo com esta concepção, a alma é salva deste vale de lágrimas e deste frágil invólucro do corpo para o céu dos espíritos bem aventurados. Ora, tais concepções da redenção não são concepções cristãs, mas sim gnósticas (MOLTMANN, 2010, p. 20).

O teólogo de Tübingen destaca a platonização do cristianismo como um dos fatores preponderantes na percepção do Espírito Santo desconectada com o mundo. É necessário concordar com Moltmann, uma vez que no próprio pentecostalismo, inegavelmente, tem-se valorizado a alma em detrimento do corpo. No Brasil, o teólogo pentecostal Fernando Albano, em sua dissertação de mestrado, chama a atenção para essa

realidade (ALBANO, 2010). A obra de Platão influenciou o cristianismo de maneira geral e, particularmente, o pentecostalismo brasileiro. Essa influência é perceptível nas palavras de Pearlman: “Esse espírito é o centro e a fonte da vida humana; a alma possui e usa essa vida, dando-lhe expressão por meio do corpo” (PEARLMAN, 2006, p. 108). Nas palavras do teólogo pentecostal americano, é perceptível que a antropologia pentecostal é vista desde uma perspectiva dualista. A pneumatologia precisa, definitivamente, superar essa visão, tal como apresentada nos manuais de teologia pentecostal. O corpo humano não pode ser considerado como mero instrumento da alma, como propôs Platão. O próprio pentecostalismo clássico tem enfatizado que o corpo é muito mais que isso. O corpo é, antes de qualquer coisa, o templo do Espírito Santo, conforme a Escritura (1Co 6,19). Assim, o corpo é sagrado. Essa perspectiva modifica sobremaneira a visão sobre o próprio mundo, a natureza, a ecologia. Conforme já apontado no texto, o universo é também templo do Espírito. Assim sendo, tanto o corpo humano como o universo são moradas do Espírito. Portanto, tanto um como outro são sagrados. Olhar a realidade partindo dessa perspectiva proporcionará uma nova relação entre o pentecostalismo, o Espírito Santo e todas as coisas criadas por Deus. Essa não é apenas uma necessidade, mas uma urgência. Sobre esse assunto, Moltmann chama a atenção nestes termos:

A experiência da comunhão do Espírito necessariamente leva a cristandade a ultrapassar-se para a comunhão maior com todas as criaturas de Deus. Também a comunhão da criação, em que todas as criaturas existem umas com as outras, é comunhão do Espírito de Deus. Estas duas experiências do Espírito colocam hoje a Igreja de Cristo em solidariedade com o cosmos ameaçado de morte. Confrontadas com o “fim da natureza”, ou as igrejas irão descobrir a importância cósmica de Cristo e do Espírito, ou elas se tornarão cúmplices no aniquilamento da criação de Deus aqui na terra. O que em épocas anteriores, sob a forma de desprezo pela vida, hostilidade ao corpo e distanciamento do mundo, não passava de uma disposição interior, é hoje uma realidade diária no cinismo da progressiva destruição da natureza. A descoberta da amplitude cósmica do Espírito de Deus, ao invés, leva a respeitar a dignidade de todas as criaturas, nas quais Deus está presente por seu Espírito. Na situação atual, esta descoberta não é poesia romântica nem

visão especulativa, mas sim a condição necessária para a sobrevivência da humanidade nesta terra de Deus, que é única (MOLTMANN, 2010, p. 21).

A reflexão teológica moltmaniana é significativa e de grande valor para a pneumatologia pentecostal, que sempre enfatiza a necessidade de aprofundar a comunhão com o Espírito. Nesse sentido, na medida em que o pentecostalismo incentiva a busca constante da comunhão com o Espírito, deverá, ainda com Moltmann, entender que comunhão com o Espírito leva necessariamente à comunhão com todas as criaturas. A partir desse aspecto, os pentecostais podem estabelecer uma relação de amizade e respeito com outras tradições religiosas, que também desenvolvem a perspectiva da comunhão com a criação de Deus. Assim, é possível afirmar que a pneumatologia da criação é fundamento teológico para o diálogo com as religiões, na medida em que tanto os pentecostais, através do Espírito Santo, vivenciam essa comunhão, quanto os membros de outras religiões, através de suas próprias tradições. O cuidado com a criação deve unir todos e todas, segundo o referido teólogo:

Por causa dos perigos de natureza militar, ecológica e social que ameaçam o mundo, os povos estão entrando hoje na era da humanidade, à medida que vão percebendo que os perigos que ameaçam a todos só podem ser enfrentados pelo esforço comum de todos. É hora de as igrejas tradicionais entrarem também na era ecumênica, deixando para trás seus conflitos confessionais. Além disto constitui para elas uma ajuda perceberem a “comunhão do Espírito Santo” que supera os limites e confissões, e assumirem uma nova orientação para o Reino de Deus e a nova criação de todas as coisas. Até agora o Reino de Deus quase sempre foi entendido como estando orientado para a Igreja. Importa hoje orientar as igrejas para o Reino de Deus. Só então elas poderão realizar o passo mais importante: tomar consciência de si próprias não apenas como Igreja dos homens, mas como a Igreja do Cosmos, e entender as crises sociais e ecológicas como crises de seu próprio corpo (MOLTMANN, 2010, p. 232).

A pneumatologia da criação aponta para uma relação libertadora junto a outras pessoas. É o que destaca Moltmann no texto supra. O teólogo brasileiro Marcial Maçaneiro está de acordo com Moltmann quando destaca que “no âmbito inter-religioso, a ecologia interpela a cosmovisão e a responsabilidade das religiões na administração dos bens naturais e na defesa

da vida, considerada um valor sagrado” (MAÇANEIRO, 2016, p. 75). Aluno de Moltmann, o alemão Michael Welker também contribui nessa perspectiva. A proposta, elaborada por Welker, de superação das concepções metafísicas de Espírito dominantes no Ocidente, perpassa toda a obra daquele teólogo e se mostra como contribuição fundamental para a pneumatologia na tradição pentecostal assembleiana. Se, por um lado, o Ocidente foi influenciado pela compreensão de um Espírito que privilegia contextos próprios individuais e comunitários no sentido de autocerteza, de ganho próprio e de constante progressão, por outro lado, o Espírito de Deus não testemunha a si próprio, mas o Crucificado, retraindo a si mesmo e se doando. O Espírito de Deus atua em diferentes contextos, estimulando a que diversas pessoas se sirvam mutuamente e alcancem progressos recíprocos. Se o espírito do Ocidente só pode crescer abusivamente acima de si mesmo e egoisticamente para si próprio, o Espírito de Deus, ao contrário, insere-se na comunidade solidária, na comunhão de responsabilidade e de amor entre as pessoas, fazendo-as aceitar sua própria finitude. Tornam-se pessoas que formam uma comunidade e se autorretraem em prol das criaturas.

Para Welker, na medida em que se tenta compreender a expressão “Deus é Espírito” a partir da metafísica de Aristóteles, a expressão bíblica é retirada do contexto das tradições bíblicas e adaptada ao espírito ocidental. É justamente Aristóteles que, a partir da sua compreensão de espírito divino, vai oferecer uma compreensão claramente reducionista da alegria e da vida, bem como da realidade. Aí, o espírito e a vida estão relacionados apenas mentalmente. Prazer, realidade e vida são apenas autoposses cognitivas (WELKER, 2010, p. 241). A partir dessas críticas de Welker, é possível visualizar a forte influência aristotélica nas diversas pneumatologias no Ocidente, inclusive na pentecostal brasileira. São pneumatologias que ainda não enxergaram a espiritualidade da vida cotidiana e do corpo na sua totalidade. Trata-se, sem dúvidas, de uma forma simplória, reducionista e ingênua de ver a vida.

Em sua mais recente obra *Espiritualidade do diálogo inter-religioso*, Elias Wolff afirma que o ser humano desenvolve cinco atitudes em relação à criação: contemplação, pertença, relação, cuidado e uso responsável (WOLFF, 2016, p. 86-87). A partir desses elementos, Wolff destaca de

forma incisiva que o meio ambiente possibilita a comunhão das criaturas. Sobre os compromissos elencados, afirma Wolff:

Esses compromissos comuns são mais do que uma manifestação de boa vontade. São propostas de ação que decorrem das convicções religiosas de cada credo. Expressam a consciência dos líderes religiosos sobre o vínculo existente entre a vivência religiosa e as atitudes socioambientais. Expressam também a consciência de, diante da gravidade dos problemas socioambientais, articular as diferentes tradições religiosas em projetos que visem à superação desses problemas. É de esperar a realização concreta de tais compromissos por parte de cada comunidade religiosa [...] (WOLFF, 2016, p. 95).

Essa perspectiva da criação apresentada por Wolff segue sempre no horizonte mais amplo do que o da ciência. É um processo de superação do modelo tecnicista. É o mesmo caminho percorrido por Welker, no que tange ao tema “Espírito”. Contra uma compreensão apenas numinosa do espírito, bastante influenciada pelo pensamento metafísico, que tem como foco a autoconsciência, Welker afirma que o Espírito de Deus “é tudo menos uma grandeza inacessível, difundida no indeterminado”. Para ele, quando o Espírito de Deus age na vida de uma pessoa, o acometido passa a viver em prol dos outros. Nas suas palavras: “As pessoas diretamente atingidas pela ação do Espírito, são tocadas de tal maneira e colocadas a serviço de forma tão poderosa, que igualmente passam a orientar-se pelos outros e a agir em prol dos outros” (WELKER, 2010, p. 245). Conforme o mesmo teólogo, o Espírito de Deus “fortalece, consola e ilumina as pessoas. O Espírito de Deus ajuda-as a perceber Deus em meio à criação, a experimentá-lo sob condições de vida terrena e a viver protegidas, fortalecidas e em dignidade na comunhão com ele” (WELKER, 2010, p. 273). O Espírito de Deus age na vida das pessoas para que a convivência humana seja melhor, para que as relações entre homens e mulheres sejam pacíficas e construtivas em meio à criação. Se, por um lado, o espírito ocidental possibilitou o desenvolvimento no Ocidente, por outro lado, foi esse mesmo espírito que produziu tipos de individualidade e sociabilidade que ameaçam o planeta. O Espírito de Deus, por sua vez, possibilita libertação integral do ser humano, convivência de respeito e apreço entre pessoas de diferentes culturas e religiões, despertando em cada ser humano a alegria de viver.

Considerações finais

A partir dessa reflexão que enfatizou a presença universal do Espírito de Deus em todo ser que vive é possível afirmar com total convicção que os pentecostais podem (e devem) participar do diálogo com outras religiões, na medida em que existe um elo que nos une, a saber, a presença do Espírito Santo de Deus. Independentemente da religiosidade ou mesmo da falta da religião, a fé cristã confessa que o Deus Espírito atuou de forma efetiva na criação de todas as pessoas. Portanto, temos em comum o fato de todos termos a mesma origem criadora. O Espírito Santo que atuou de forma efetiva na criação de todas as coisas está presente em cada ser que vive.

O ser humano criado pelo Espírito de Deus é, portanto, convidado para cuidar da criação da melhor forma possível. Na perspectiva da fé cristã, o compromisso do cuidado com o planeta não é um pressuposto insignificante ou irrelevante, mas fundamental, constitutivo e identitário da fé. Para os pentecostais não é uma escolha; cuidar do planeta é uma exigência interna da própria fé pentecostal que convoca todos e todas para, juntos com outras pessoas, independentemente de suas convicções religiosas, cuidar do mundo, da casa comum.

Referências

ALBANO, F. *Dualismo corpo/alma na Teologia Pentecostal*. Dissertação (Mestrado em Teologia) — Escola de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2010.

BOFF, L. *O Espírito Santo: Fogo interior, doador da vida, e Pai dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013.

CODINA, V. *Não Estingais o Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2010.

COMBLIN, J. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009.

CONGAR, Y. *Creio no Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2010.

DUPUIS, J. *Rumo a uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

MAÇANEIRO, M. A ecologia como parâmetro para a ética, a política e a economia. Um novo capítulo do Ensino Social da Igreja. In: MURAD, A. (Org.). *Cuidar da casa comum: chaves de leituras teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.

MOLTMANN, J. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, D. M. *Eis-me aqui Senhor! Disponibilidade como chave missionária*: São Leopoldo: Sinodal, 2014.

OLIVEIRA, D. M. *Diálogo e Missão nos Andes: um estudo de teologia da missão latino-americana*. São Paulo: Garimpo, 2016.

PEARLMAN, M. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2006.

SANTANA, L. F. R. *Liturgia no Espírito*. Rio de Janeiro: Editora PUCRio, 2015.

WELKER, M. *O Espírito de Deus: a Teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WOLFF, E. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso. *Pistis e Práxis*, v. 7, n. 1, p. 81-111, jan./abr. 2015.

WOLFF, E. *Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã*. São Paulo: Paulinas, 2016.

YONG, A. *Beyond the impasse: Toward a Pneumatological Theology of Religions*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

Recebido: 09/09/2017

Received: 09/09/2017

Aprovado: 30/10/2018

Approved: 10/30/2018